

O MONTE DA QUINTA

É com grande satisfação que volto a escrever na “Casas”, agora renovada, depois de largos meses de ausência que se deve a afazeres académicos muito exigentes.

Desta vez venho falar-vos de uma obra que acabei recentemente no Alentejo – O Monte da Quinta –, na região raiana, no concelho do Alandroal.

A região é de uma beleza apaixonante, feita do ondulado das colinas que alternam com os vales onde predominam a oliveira e os pastos, surpreendendo-nos, nos pontos mais altos, com vistas deslumbrantes para os lados de Espanha.

Para trás ficou a região de Borba e Vila Viçosa, igualmente bela mas onde a exploração dos mármore transformou boa parte da paisagem em lugares que fazem lembrar cenários de filmes apocalípticos – É talvez um mal necessário, dadas as vantagens para a economia, mas haverá concerteza solução para atenuar o impacto ambiental desta actividade, não prejudicando assim uma outra, com relevância crescente no nosso país e nesta região em particular: a indústria do turismo.

A beleza da região, a sua autenticidade preservada, ainda viva, apesar de tudo, nas gentes, nos costumes, na arquitectura, no artesanato, na gastronomia, a par com a novidade do “grande lago” – como já se designa a albufeira da barragem do Alqueva –, atrai cada vez mais visitantes e potencia novos projectos, emprego e a tão necessária revitalização.

Mas para além dos visitantes, a região parece atrair também novos residentes – e não só aqueles que aqui vêm passar fins de semana ou férias mas também os que encaram estas terras como um lugar de futuro e aqui decidem fixar-se, senão totalmente, pelo menos em boa parte do seu tempo, investindo e criando riqueza.

É o caso dos proprietários do Monte da Quinta que aqui desenvolveram já projectos significativos no sector agrícola e também no do turismo. Quando aqui chegaram, vindos de outras terras, mais a Norte, depararam-se com um monte bastante degradado: A casa principal estava ainda de pé mas dos anexos pouco mais havia para além de algumas paredes a desfazerem-se.

Logo que tive contacto com este monte, após a contratação dos meus serviços para a respectiva reabilitação, deparei com alguns aspectos curiosos: Embora as construções fossem as características da região – nos processos construtivos e no tipo arquitectónico –, havia qualquer coisa de peculiar no conjunto, algo que não “encaixava bem”. A forma da chaminé da casa principal, mais frequente noutras regiões do Alentejo, mais a Sul, embora não totalmente invulgar na região, afigurava-se como um objecto um pouco insólito, deslocado, principalmente tratando-se de uma casa isolada num monte e não de uma construção inserida em povoado. Também o tipo de alvenarias – de pedra argamassada, em aparelho rústico – apresentava algumas características pouco comuns na região: o uso da argila – o barro – na composição das argamassas,

Logo viemos a saber que os anteriores proprietários eram oriundos da região de Beja – onde aqueles aspectos aparentemente invulgares ou insólitos são afinal bastante frequentes. O seu construtor decidiu fazer, no início do séc. passado, uma casa tanto quanto possível parecida com a que deixara mais a Sul.

No projecto que então elaborei decidi, em consonância com a vontade dos proprietários, recuperar a casa principal utilizando os materiais e as tecnologias construtivas tradicionais e, nos anexos (à excepção de uma construção muito curiosa, já um pouco afastada do conjunto do monte, que servia de abrigo para animais), optamos por uma tipologia mista – estrutura de betão armado e paredes de alvenaria de tijolo industrial, juntamente com coberturas tradicionais de estrutura de madeira e revestimento de telha cerâmica, de canudo. De facto, o estado avançado da ruína destes anexos justificava perfeitamente esta opção.

No que diz respeito ao desenho arquitectónico e à tipologia dos espaços, procurei seguir o modelo da arquitectura popular da região, alterando apenas o necessário para adaptar os edifícios a um uso mais consentâneo com os padrões de conforto actuais, à semelhança dos sistemas construtivos – isolamentos, redes de infraestruturas, etc...

O conjunto das construções encerra um espaço exterior aberto a Sul e a Poente, para um vale, espaço este que decidimos tratar como uma área de estar aprazível, com um tanque de água, laranjeiras e um lugar para nos reconfortarmos junto ao fogo ou simplesmente desfrutar do ar puro, da paisagem ou dos fantásticos céus estrelados, límpidos, das noites de verão.

No anexo destinado a habitação de convidados, incluímos um alpendre em cuja sombra nos poderemos refugiar nos dias de sol mais intenso.

Junto a este alpendre, recuperamos um antigo forno que pode agora, de novo, ser utilizado.

O conjunto inclui ainda uma construção para guardar alfaias – o “casão” para apoio da actividade agrícola.

Na obra, tive a sorte de poder trabalhar com pessoas da região, de qualidade excepcional, que conservam ainda uma sabedoria preciosa, de tradições artesanais, ancestrais, que põem em prática com evidente gosto e orgulho, a par com os processos e tecnologias mais actuais. Assim se consiga que estes saberes não se percam e se multipliquem as pequenas empresas – oficinas, artífices e outros -, conservando estes tão importantes factores de identidade regional, ao mesmo tempo que criam emprego e geram riqueza. O Alentejo precisa muito destas pessoas e pode ser que, através dos exemplos bem sucedidos que sempre vão aparecendo, os autarcas e funcionários da Administração Central com responsabilidade na matéria – O Estado, portanto -, percebam a sua importância para o desenvolvimento da região e se decidam pelos apoios efectivos e substanciais à sua actividade, ao invés de promoverem obras descaracterizadoras que só revelam o que já Ramalho e Eça chamavam “uma noção provinciana do progresso”.

José Franqueira Baganha
Arquitecto

27/Outubro/2009